

“Se o povo for conduzido por meio de leis e decretos e trazido à ordem mediante punições, ele procurará evitar as transgressões, mas não terá o sentimento de vergonha. Mas se for conduzido pela virtude e trazido à ordem por meio dos ritos, ele terá o sentimento de vergonha e comportar-se-á bem, de livre e espontânea vontade.” CONFÚCIO.

Um famoso espanhol que passou a vida a refletir sobre o homem e suas circunstâncias, disse certa vez que um tigre não consegue ‘destigrar-se’, mas que um homem pode muito bem ‘desumanizar-se’.

Com extremo rigor filosófico, Ortega y Gasset especificou assim o drama da sociedade moderna: conseguir maneiras e estilos de convivência em uma era de tremendo impacto tecnológico, principalmente, neste alvorecer de novo milênio, sem que, com isso, o homem deixe de ser ele mesmo. Mas diríamos mais, o homem, este pensante, com vida pessoal própria e autêntica, conseguindo aplicar e dominar os progressos da ciência e da técnica, utilizando-os, quase sempre, em benefício da comunidade e de si próprio, embora seja o animal que chora ao nascer, não pode alienar-se a um mundo mecanicista e destituído de conteúdo nobilitante. Dai entender-se que em todo discurso, orientado pelo desejo de conhecimento, deve existir pelo menos um fim, quer seja para conseguir ou evitar alguma coisa. E, ainda, onde quer que a cadeia do discurso seja interrompi-

O contador e a modernidade tecnológica na produção de informações especializadas



da, haverá um fim provisório. Se for apenas mental, o discurso consistirá em pensamentos de que uma coisa será ou não, de que ela foi ou não foi, alternadamente.

Por isso nenhuma espécie de discurso pode terminar no conhecimento absoluto dos fatos passados ou vindouros. Porque, para o conhecimento dos fatos, é necessário primeiro vir o sentido de sensação e depois disso a memória e o conhecimento das conseqüências, que se chama ciência, e não é absoluto, mas condicional. O discurso expresso por meio de linguagem começa pela definição das palavras, que são antecedidas pela junção das letras, formando os nomes. Surge assim, em qualquer natureza dotada da capacidade de conjecturar, o dom da imaginação pelas palavras, ou quaisquer outros sinais voluntários. A isso designamos, vulgarmente, entendimento, e é comum ao homem e a outros animais. Um cão treinado entenderá o agrado ou a reprimenda de seu dono. O mesmo acontece com outros animais. O entendimento que é próprio do homem é aquele que não depende só de sua vontade, mas também de suas concepções e pensamentos, pela seqüência e contextura dos nomes das coisas em afirmações, negações e outras formas de discurso. Eis porque alvitramos por introduzir alguns dados históricos sobre o fenômeno da linguagem no contexto da atuação do Contador Moderno, enquanto produtor de informações especializadas.

A letra e a linguagem – origens, usos e abusos – uma sucinta digressão

Precedentemente, Thomas Hobbes, *in* Leviatã, orienta-nos dizendo que, embora engenhosa, a invenção da imprensa, comparada com a invenção das letras, é coisa de somenos importância. Ignora-se quem originalmente descobriu o uso das letras. Diz-nos Hobbes que foi Cadmus, filho de Agenor, rei da Fenícia, quem primeiro as trouxe para a Grécia. Invenção fecunda para prolongar a me-

mória dos tempos passados e estabelecer a conjunção da humanidade dispersa por tantas e tão distantes regiões da Terra. Imagina-se a dificuldade, como se vê pela cuidadosa observação dos diversos movimentos da língua, de palatos, lábios e outros órgãos da fala em estabelecer tantas diferenças de caracteres quantas as necessárias para recordar.

Porém a mais nobre e útil de todas as invenções foi a da linguagem, que consiste em nomes ou apelações e em suas conexões, pelas quais os homens registram seus pensamentos, os recordam posteriormente e também os usam entre si para fins úteis e conversas recíprocas, sem o que não haveria, entre os homens, Estado, sociedade, contrato, paz, tal como não existem entre leões, ursos e os lobos. Na interpretação de Hobbes, e se assim a aceitamos, o primeiro autor da linguagem foi o próprio Deus, que ensinou a Adão a maneira de designar aquelas naturezas postas à sua vista, pois as Escrituras nada mais dizem a esse respeito.

Naquela ocasião, tal ensinamento foi o suficiente para levar Adão a acrescentar mais nomes, à medida que a experiência e o convívio com as criaturas lhe forneciam ocasião para isso, e para ligá-los gradualmente de modo a fazer-se compreender. Assim, com o passar do tempo, pôde ser encontrada toda aquela linguagem para a qual ele descobriu uma utilidade, embora não fosse tão abundante como aquela de que necessitam o orador, o filósofo, ou mesmo, como nos dias de hoje, os técnicos. Ademais, não encontramos nas Sagradas Escrituras indicativos que nos permitam afirmar, direta ou indiretamente, que a Adão foram ensinados os nomes de todas as figuras, números, medidas, cores, sons, ilusões, relações, e menos ainda os nomes de palavras, de discursos e de títulos, como geral, especial, afirmativo, negativo, interrogativo, optativo, infinitivo, de equidade, os quais são todos úteis, e muito menos os de entidade, intencionalidade, e outras insignificantes palavras.

Toda esta linguagem adquirida e aumentada por Adão e sua posteridade foi novamente perdida na torre de Babel quando, no relato de Hobbes, pela mão de Deus, todos os homens foram punidos, devido a sua rebelião, com o esquecimento de sua primitiva linguagem. Depois disso, forçados que foram à dispersão para as várias partes do mundo, resultou necessariamente que a diversidade de idiomas hoje existentes proveio gradualmente dessa separação, à medida que a necessidade – a mãe de todas as invenções – os foi ensinando e, com o passar dos tempos, até os dias que correm, os idiomas tornaram-se por toda parte mais abundantes.

Certamente se a linguagem é peculiar ao homem, como deve ser, então também o entendimento lhe é peculiar. Portanto, não pode haver compreensão de afirmações absurdas, falsas ou abusivas, no caso de serem universais, embora muitos julguem que compreendem, quando nada mais fazem do que repetir tranquilamente as palavras ou gravá-las em sua memória. Logo, ao raciocinar, o homem tem de tomar cautela com as palavras, pois vão além da significação daquilo que imaginamos de sua natureza, disposição e interesse do locutor. Nessa linha são os nomes de virtudes e vícios, pois uma pessoa chama sabedoria aquilo que outra chama temor; crueldade o que para outra é justiça; prodigalidade o que para outra é magnanimidade; gravidade o que para outra é estupidéz; a destruição criadora como dizem os economistas modernos (cuja soma algébrica deveria ser de resultado zero, pelo menos, e não como se vê na atualidade) etc.

Nesse processo evolutivo da humanidade, chegamos ao estágio, ainda bastante rudimentar, de o homem valer-se de usar certos materiais para escrever, expressando seus sentimentos por palavras, como, por exemplo, fibras vegetais, tecidos, barro cozido, cujos exemplares eram encontráveis nas bibliotecas da Antiguidade. Bem mais adiante, com o florescimento comercial europeu, nos

fins do século XIV, mesmo com a maioria dos habitantes analfabeta, eis que emerge e se desenvolve o sistema de impressão de Gutenberg que conseguiu dinamizar a fabricação de livros. Com o advento da mídia eletrônica – encurtando as distâncias entre os povos – foi, verdadeiramente, disseminada a dinâmica da produção de informações técnicas, científicas, filosóficas, religiosas e das artes, dentre outras. E assim chegamos a uma das tecnologias de produção de informações de aplicação no fenômeno aziendal, tanto para o setor privado quanto para o setor público.

A Contabilidade e as ciências – abreviada apreciação

Não se tem a pretensão de querer aqui contar a importante história da Contabilidade, ou demonstrar ou justificar os delineamentos dos requisitos exigíveis como uma ciência social, e sim delinear os seus contornos técnicos, já que, inequivocamente, o seu objeto de estudo é o fenômeno patrimonial.

Ousamos, isto sim, requisitar a imprescindível atenção dos Contadores para a missão profissional, na sua labuta, na produção de informações técnicas, a partir da dinâmica do fenômeno patrimonial – embora saibamos que nos dias atuais quase nos restringimos a meros auxiliares dos órgãos da administração pública – cujo conhecimento aplicativo está tão presente na vida moderna dos setores privado e público quanto qualquer outro tão ou mais importante.

Desde os primórdios dos tempos, então, em paralelo ao desenvolvimento de seu modo rudimentar de comunicar-se, o homem buscava também uma forma de registro, com certo nível de exatidão, que lhe permitisse manter o controle sobre os seus bens e o aumento ou diminuição dos mesmos. Mesmo já entendendo que a sua mente era uma maravilhosa máquina, o homem tinha necessidade de que as informações atinentes ao 'patrimônio' que detinha

fossem as mais precisas, tanto em relação aos fatos em si, como em sua cronologia, exatidão e volume.

Foi assim, mais adiante, com os mercadores de Veneza. Esta cidade, então, era uma das mais importantes em termos mercantis, a ponto de seus negociantes desenvolverem um sistema de registro que, embora rudimentar em relação aos nossos dias, atendia a contento as suas necessidades imediatas. É inevitável que se diga que foi nesta atmosfera e ambiente, de final do século XIV e começo do seguinte, que surgiram os coevos de Luca Pacioli, numa verdadeira época dourada de personalidades que engrandeceram a civilização mundial, particularmente na Itália, de que são exemplos: Leonardo Da Vinci; Michelangelo; Maquiavel; Girolamo Savonarola; e Piero della Francesca, dentre outros. É nesta cidade que, em 1494, aproveitando o sistema de impressão de Gutenberg, o Frei Luca Pacioli publica a sua obra *Summa Arithmetica, Geometria, Proportioni et Proportionalita*, na qual está contido *Tractatus de Computis et Scripturis* (Tratado de Cômputo e Escrituração), estabelecendo o inquestionável método das Partidas Dobradas, cujos axiomas podem ser assim resumidos: não há devedor sem credor; a todo débito corresponde um ou mais créditos e vice-versa; a soma das parcelas do Ativo deve ser igual à soma das parcelas do Passivo; o patrimônio tem no Passivo a sua origem, que pode ser desdobrado em recursos próprios e de terceiros; o patrimônio tem no Ativo a sua aplicação (destino).

Eis porque, em uma linguagem corrente, as Partidas Dobradas (duplo registro) são justificadas uma vez que todo fato digno de registro sempre terá uma causa e um efeito, como mostra a sua digrafia. Este sistema ou método – Partidas Dobradas – veio tornar-se, então, o fator fundamental da Contabilidade evoluindo até os nossos dias e incorporando uma série de novas técnicas e atribuições distintas, inerentes ao tipo de atividade que se quer 'controlar'.

A Contabilidade como Ciência, portanto, funda-se na afirmação de que não lhe há limite de atuação, porque não há limite para o pensamento humano. Talvez por ignorância, felizmente já superada, não é verdade que só as coisas da natureza são objeto de ciência, como atesta a história do conhecimento do homem.

O Professor Doutor Antônio Lopes de Sá, em feliz e oportuno trabalho de epistemologia, in: *Considerações sobre a Ciência – (Apêndice da Autonomia e Qualidade da Contabilidade)*, assim sintetiza como científico o conhecimento organizado que preencha os seguintes requisitos:

- a) tenha objeto próprio ou matéria específica de estudos (deve dedicar-se a algo definido);
- b) estude os fatos com rigor analítico;
- c) enuncie verdades de sentido geral e perene;
- d) possua observações, conceitos, proposições, hipóteses, teorias, leis e fontes de informação, tudo sistematizadamente;
- e) possua tradição ou história;
- f) acolha correntes doutrinárias sem dogmatismo e ou absolutismo;
- g) enuncie o experimental ou verificável;
- h) ofereça explicações;
- i) seja útil;
- j) possa ensejar previsões;
- k) tenha correlação com os demais ramos do saber humano.

Com tais requisitos, não exaustivos, pode-se afirmar que a Contabilidade preenche todas as condições exigíveis para o seu enquadramento como Ciência, até porque, desde o início do século XIX, com fundamento na obra de R. P. Coffy (1836), a Academia de Ciências da França já passara a considerá-la como tal.

Portanto, como exemplos, a partir da vigorosa capacidade de síntese do Cientista Contábil, Professor Doutor Lopes de Sá, da correlação da Ciência Contábil com outros ramos do conhecimento humano, tais requisitos podem ser sumariados como nos seguintes quadros:

A CIÊNCIA É UM CONJUNTO DE TEORIAS



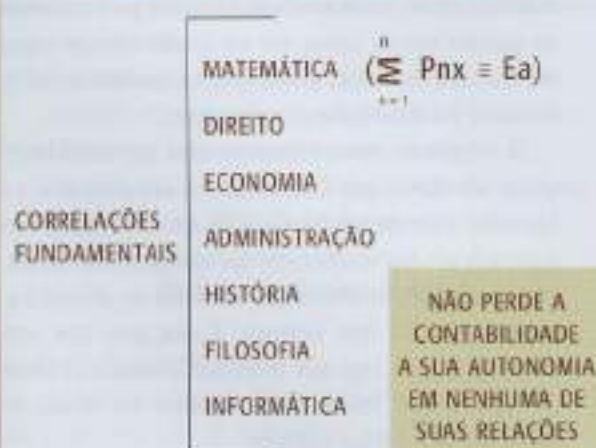
Fonte: A. Lima de Sá

A CONTABILIDADE PREENCHE TODOS OS REQUISITOS EXIGÍVEIS PARA UMA CIÊNCIA

CIÊNCIAS POSSUEM	CONTABILIDADE
OBJETO PROPRIO	PATRIMÔNIO
FINALIDADE	EFICÁCIA
MÉTODO	INDUTIVO AXIOMÁTICO
ENUNCIADOS VERDADEIROS	TEORIA DO RÊDITO
HIPÓTESES	TEORIA DO EQUILÍBRIO
TEORIAS	LIQUIDEZ
LEIS	TEORIA DOS CUSTOS ETC.
TRADIÇÃO	PALEOLÍTICO SUPERIOR
COHERENTES	PATRIMONIALISMO, AZIENDALISMO
EXPERIMENTAÇÃO	APLICAÇÕES NAS ATIVIDADES
UTILIDADE	COMPORTAMENTO NA RIQUEZA
PREVISÃO	ORÇAMENTOS
CORRELAÇÕES	MATEMÁTICA, DIREITOS, ECONOMIA ADMINISTRAÇÃO ETC.

Fonte: A. Lima de Sá

A CONTABILIDADE TEM LIMITES MUITO VIZINHOS COM VÁRIOS CONHECIMENTOS



Fonte: A. Lima de Sá

A CONTABILIDADE APROVEITA-SE DE MUITOS OUTROS CONHECIMENTOS



Fonte: A. Lima de Sá

RELAÇÃO COM AS MATEMÁTICAS



AUMENTAR O VALOR NÃO SIGNIFICA AUMENTAR UTILIDADE DO BEM EM SI
CORREÇÃO MONETÁRIA NÃO É CRESCIMENTO DE RIQUEZA

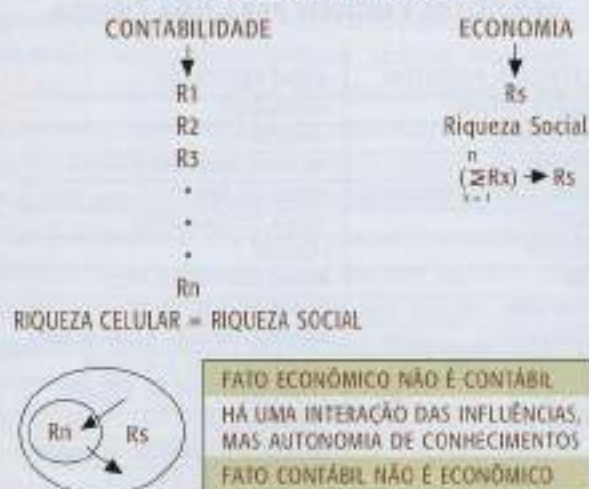
Fonte: A. Lima de Sá

RELAÇÃO COM O DIREITO



Fonte: A. Lima de Sá

RELAÇÃO COM A ECONOMIA



Fonte: A. Lobo, p. 34

RELAÇÃO COM A ADMINISTRAÇÃO



Fonte: A. Lobo, p. 34

QUALIDADE CIENTÍFICA CONTÁBIL APÓIA-SE NA FILOSOFIA



Fonte: A. Lobo, p. 34

A Contabilidade Pública no Brasil – uma síntese

Em sucinta digressão, a história da Contabilidade Pública no Brasil, segundo os autores mais categorizados, teve início, oficialmente, com o Alvará datado de 28 de junho de 1808, de D. João VI, que foi referendado por D. Fernando José, de Portugal, então ministro e secretário dos negócios do Brasil e da Fazenda, providência tão expressamente reclamada por Dona Maria I.

O Alvará em questão, que havia criado o Erário Régio, estabeleceu normas de escrituração por Partidas Dobradas das operações financeiras, conforme os seguintes tópicos:

I – Para que o método de escrituração e fórmulas de contabilidade da minha Real Fazenda não fique arbitrário, e sujeito à maneira de pensar de cada um dos contadores gerais, que sou servido criar para o referido erário: ordeno que a escrituração seja mercantil por partidas-dobradas, por ser a única seguida pelas nações mais civilizadas, assim pela sua brevidade para o manejo de grandes somas, como, por ser a mais clara, e a que menos lugar dá a erros e subterfúgios, onde se esconde a malícia e a fraude dos prevaricadores;

II – Portanto, haverá em cada uma das contadorias gerais um diário, um livro mestre, e um memorial ou borrador, além de um livro auxiliar de contas correntes para cada um dos rendimentos das estações de arrecadação, tesourarias, recebedorias, contratos ou administradores de minha Real Fazenda. E isto para que sem delongas se veja, logo que processar, o estado da conta de cada um dos devedores ou exatores das rendas de minha coroa e fundos públicos;

III – Ordeno que os referidos livros de escrituração sejam inalteráveis, e que para ela se não possa aumentar ou diminuir nenhuma, sem se fazer saber, por consulta do Presidente, a necessidade que houver para se diminuir ou acrescentar o seu número.

(...)

Então, conceitualmente, a Contabilidade Pública é um ramo especializado da Contabilidade Geral ou Financeira que, como tal, é adaptada para o registro, controle, demonstração dos fatos inerentes à gestão dos bens públicos, em harmonia com as normas do Direito Financeiro. Com tais normas, e aplicando aquelas próprias de escrituração contábil, registra a previsão da receita, a fixação das despesas e as alterações introduzidas no orçamento. Ainda, controla as operações de créditos, atuando como mecanismo de fiscalização interna, acompanhando todos os passos da execução orçamentária, para verificar se o processamento está em conformidade

com as normas gerais de Direito Financeiro, as diretrizes e instruções dos órgãos de fiscalização e controle. Os órgãos responsáveis, pelas suas atribuições, procuram demonstrar, através de balancetes e balanços, a situação financeira, econômica e patrimonial, bem como a das variações patrimoniais do Tesouro. No caso do Brasil, a Contabilidade Pública aplica-se nos níveis da União, Estados, Distrito Federal e Municípios. Quando aplicada no âmbito da economia e do país, tem-se a Contabilidade Pública Nacional.

A modernização da tecnologia

O advento das técnicas eletrônicas, o aperfeiçoamento dos equipamentos cibernéticos, com uma permanente pesquisa de materiais e elaboração de modernos equipamentos específicos e outros avanços tecnológicos, fizeram os teóricos da comunicação de massa pensar num futuro sem livros e papéis tradicionais (com seu formato quadrado ou retangular compostos de folhas de papel, unidas umas às outras por um dos lados). Com seu conteúdo, suas mensagens seriam transmitidas por outros meios. Então, com o aparecimento da televisão, o mundo todo se transformaria numa grande 'aldeia', conforme afirmou certa vez Marshall McLuhan.

A função social da tecnologia

Alvissaras à tecnologia! Entretanto, não se deve esquecer de que a tecnologia tem sua função social que pode servir para liberar as pessoas de trabalhos cansativos, estafantes, repetitivos e, sobretudo, de informar e educar. Eis porque, em seu tempo, Karl Marx, em *O Capital*, preconizava a função social da tecnologia, dizendo:

Darwin interessou-nos na história da tecnologia natural, na formação dos órgãos das plantas e dos animais. Não merece igual atenção a história da fun-

ção dos órgãos produtivos do homem social, que constituem a base material de toda organização social? E não seria mais fácil a sua reconstituição uma vez que, a história humana se distingue da história natural por termos feito uma e não termos a outra? A tecnologia revela o modo de proceder do homem para com a natureza, o processo imediato de produção de sua vida, e assim elucida as condições de sua vida social e as concepções mentais que delas decorrem.

É assim que, nesta sociedade tecnológica moderna, o papel do Contador – seja do setor privado, seja do setor público – ao lado de outras tantas profissões, deve ser de significativa relevância, não só pela obrigatoriedade legal da profissão – Decreto-Lei nº 9.295/46 – mas, sobretudo, para: contribuir para assegurar administrativamente a eficiência e a eficácia da gestão dos dirigentes das grandes, médias e pequenas entidades, privadas e públicas, cujo objetivo pode ser o lucro nas organizações empresariais; e o bem-estar, ou a igualação dos custos e benefícios, da sociedade na gestão governamental. Mas tais tecnologias jamais podem ter como finalidade converter o homem em simples engrenagem de uma máquina.

Historicamente, nas sociedades em que isto se deu, de uma ou de outra forma, os estragos sociopsicológicos foram inevitáveis: seja pelo fato de o homem impossibilitar-se de frente do Estado Absolutista, detentor do monopólio da força e da violência, como nas idéias preconizadas no *Leviatã* do jusnaturalista inglês Thomas Hobbes, de que o homem é mau por excelência e de que um é o próprio lobo do outro, por viver em 'estado de natureza'. Não tendo suas ações reprimidas, seja pela voz da razão, ou pela presença de instituições contratualistas de Estado com políticas repressoras eficientes; seja pelas lutas contrárias, de que o homem nasce bom, e que a sua primeira lei natural é a da autopreservação, que o induz a impor-se sobre os demais – 'a guerra de todos contra todos'.

Tais idéias, absolutistas, foram rebatidas, pouco tempo depois, por outro inglês, John Locke. (Lidimo representante do individualismo liberal). Este, embora admita, como Hobbes, o Estado de natureza, o interpreta como ente representativo de igualdade e liberdade, porque a autoridade do rei não é absoluta, mas se limita à que recebe do povo. Prega que o homem é um ser livre que busca na sociedade a garantia de seu trabalho e a defesa de seus direitos naturais que ele ainda conserva mesmo depois de sua entrada no convívio social. O governante é um mandatário do povo, e em caso de conflito entre governo e governados prevalece a vontade suprema da nação. Ao contestar, Locke vem influenciar não só seus seguidores imediatos, mas os enciclopedistas com as idéias de empirismo, preservando a capacidade humana de decidir, cuja moral consiste na conformidade da norma, que tanto pode ser a lei divina quanto a lei positiva, promulgada pelo Estado, bem como os hábitos e costumes sociais ou a opinião pública.

Desde então, paradoxalmente, a cultura e o conhecimento do homem vêm-se convertendo em verdadeiras armas mortíferas: os físicos acabaram construindo a bomba atômica; os químicos, fabricando gases destruidores do próximo e da natureza; os meteorologistas acabaram transformando-se em prognosticadores do melhor momento para os bombardeios; os tecnoburocratas, com seus oníricos planos econômicos, senão perversos, de base ultrapassada do *laissez-faire*.

Estas deformações comportamentais, em nossa avaliação, decorrem da visão estreita com que nossos dirigentes políticos enxergam a sociedade como um todo e da aceitação, num processo biunívoco, desta mesma sociedade das práticas desses dirigentes, sem questionamentos. Esta convivência poderia ser analisada a partir das elites que esta mesma sociedade elege, selecionando dos estoques dos bancos escolares universitários aqueles que, via de regra,

irão nos oprimir, cujo perfil é moldado na forma e no conteúdo do ensino ministrado nas universidades em geral.

Isto porque, em estudos realizados por especialistas pedagogos, desde meados do século passado, vem-se desenvolvendo entre nós um tipo de ensino universitário não mais preocupado em transmitir uma imagem unitária do mundo, mas em fornecer estereótipos de suas realidades, didaticamente mutiladas, no suposto interesse das ciências. O tremendo impacto do progresso científico acabou por fragmentar a cultura, por pulverizá-la em pequenos grãos de saber. Cada especialista de sua ciência agarra-se com unhas e dentes ao seu grão de poeira, virando-o e revirando-o sob poderosa lente do seu microscópio, para penetrar-lhe o microcosmo, com pasmosa indiferença e maciça ignorância por tudo mais que se passa em derredor.

Nos tempos atuais, o ensino universitário brasileiro, que tem como paradigma o praticado nas universidades européias e norte-americanas, vem desenvolvendo ao extremo esse tipo de ensino, que visa à especialização e cria dentro da cultura um tipo *sui generis* de elite – a elite dos especialistas – composta de homens de ngorosa visão técnica, mas de visão cultural deficiente e de deplorável miopia política e de sociedade.

Com razão, afirma Ortega y Gasset que esse tipo de ensino universitário é responsável pela formação dos novos bárbaros, "homens cada vez mais sábios e cada vez mais incultos". E, o que é mais grave, esse é o tipo dominante das nossas elites culturais, representando o processo de dinâmica social que alguém chamou, com muita propriedade, de "a invasão vertical dos bárbaros". Os especialistas de tipo limitado, homens que sabem cada vez mais de cada vez menos, constituem os agentes altamente perigosos para a nossa cultura e, por conseguinte, para toda a sociedade. Como o temido homem de um livro só – *timeo hominem unius libri*.

A modernidade tecnológica vem criando constantemente novas formas de comunicação de massa, e principalmente comodidades, alterando os meios tradicionais, com novos equipamentos que proporcionam os instrumentos que poderão abrir a mais ampla perspectiva de difusão de idéias e imagens que a civilização jamais conheceu. Computadores interligados – vide a atual voracidade informacional da Internet – máquinas de elevada sofisticação, em intensa exposição de bombardeio de informações, atuando sobre o homem na atualidade.

Mas, diante de máquinas novas e de elevada sofisticação, o homem pode reagir como o sargento que observara 'algo totalmente fora do comum' na tela do moderníssimo radar que funcionava em Pearl Harbour, às 7 horas e 2 minutos da manhã de 7 de dezembro de 1941. "Não deve ser nada de importante", disse o sargento ao soldado que operava o equipamento. Uma hora depois a esquadra americana no Pacífico havia sido destruída.

O exemplo supra, guardadas as devidas proporções, ilustramos com outro de nossa modesta vivência, de quando estávamos no exercício da profissão de militar do Exército brasileiro: num treinamento de tiros, certo soldado, na posição de alitar e, ao atirar, teve a sua metralhadora INA 'engasgada', com uma bala entavando a outra; assim comunicou-se com o seu instrutor: "Alvo número tal, acidente de tiro!" O sargento responsável e instrutor então o orienta: "Soldado, engatilha de novo e disparar! Resultado: a terceira bala, ricocheteando na segunda e na primeira, destruiu completamente a metralhadora e, o pior, o inocente soldado, na sua ignorância tecnológica, foi hospitalizado com graves ferimentos e as membranas timpânicas dilaceradas.

Pode-se depreender, com isso, que o homem, mesmo em condições caras sobre o significado magnífico da nova tecnologia, demora algum tempo para levá-la a sério, ou compreendê-la. Ou, o que é pior, nunca vir a compreendê-la.

Qual o significado de tecnologia?

O físico-químico G. N. Lewis inicia sua clássica obra *Termodinâmica*, com a seguinte e bellissima imagem sobre o significado de tecnologia:

Há antigas catedrais que, à parte seus propósitos sagrados, inspiram solenidade e respeito. Mesmo o visitante curioso faz, dentro dela, de coisas sérias em voz baixa, e à medida que cada suspiro reverbera pela abóbada da nave, o eco que volta parece trazer uma mensagem de mistério. O trabalho de gerações de arquitetos e artesãos já foi esquecido, os andaimes erguidos para os seus trabalhos há muito foram removidos, seus erros foram apagados ou ficaram escondidos pela poeira dos séculos. Olhando apenas a perfeição da obra acabada, nós nos sentimos como se diante de um agente sobre-humano. Mas algumas vezes nós entramos em um tal edifício que ainda está em construção; então o som dos martelos, o cheiro forte da tabaco, os gestos triviais trocados entre os trabalhadores nos dão a perceber que essas grandes estruturas não são senão o resultado de dar ao esforço humano comum uma direção e um propósito.

Afinal, o que é tecnologia? Em um nível de elevada abstração, a palavra tecnologia deveria designar – como a terminologia tradicional designa as palavras biologia, geologia, psicologia ou pedagogia – o nome de uma ciência: a ciência que estuda a técnica. E, uma vez que técnica significa arte ou artifício, tecnologia deveria ser entendida como uma das 'ciências antropológicas'. Hoje, em vez disso, confundimos, numa metonímia, a ciência com seu objeto de estudo – como, numa grande confusão, somente beneficiando aqueles como na Idade Média se fez com as indulgências, do místico intangível, um comércio rentável, como já se fazia desde os tempos bíblicos.

Em um conceito sério e explícito, tecnologia deveria significar o estudo da-

quelas atividades dirigidas para a satisfação das necessidades humanas que produzem alterações no mundo material. Se excluirmos dessas atividades aquelas do metabolismo que se infiltram, restam as que podemos confundir com 'trabalho'. Este é, usualmente, entendido como a aplicação das forças e faculdades físicas ou intelectuais necessárias à realização de qualquer tarefa, serviço ou empreendimento.

Assim, tecnologia pode ser confundida com o estudo do trabalho e seus efeitos. Consta-se, portanto, que a tecnologia vem sendo considerada, por economistas, antropólogos e paleólogos, como a essência dos processos econômicos desde os tempos em que os filósofos se puseram a investigar acerca da natureza e das causas da riqueza das nações.

Diferentemente, portanto, no tempo e no espaço, do pensamento que predominou nos primórdios da Revolução Industrial, quando o trabalhador de fábrica era geralmente chamado de *hand* (mão). Porque, por detrás desse adjetivo havia, além de uma teoria, um desprezo aos operários, já que, segundo os leitores, os mesmos não raciocinavam sobre os trabalhos que faziam, eram apenas mãos. Havia a demonstração de uma prática: o preconceito para com o trabalho manual que apenas às pessoas da baixa camada social era destinado. Tal desprezo decorria do preconceito de que operários semi-especializados ficavam apenas na rotina do que faziam. Levando Adam Smith a refletir sobre o assunto quando escreveu:

A compreensão da maior parte dos homens é necessariamente formada pelo trabalho que fazem. O homem cuja vida é gasta na execução de algumas operações simples... não tem ocasião de usar seu entendimento... Geralmente ele se torna estúpido e ignorante tanto quanto possível para uma criatura humana.

De fato, uma visão retrospectiva da Revolução Industrial, à luz da tecnologia contemporânea, nos impõe interpretá-la

mais como uma revolução de natureza informacional do que energética: tem sido muito mais revolucionária para o sistema produtivo a automação das habilidades neurais coordenadoras (informática) do que das propulsoras (energética). Os especialistas entendem que este processo, por meio do qual transferem-se para a memória cultural as habilidades humanas, é chamado de dessomatização. Destacando-se com isso que este processo se realiza fora da 'soma' (do aparelho biológico) de atividades até então realizadas exclusivamente pelo sistema nervoso humano.

Hoje, vista sob a ótica da informática, todo o processo de nossa civilização é marcado por eventos históricos que redundam no enriquecimento da memória cultural, freqüentemente associada a processo de dessomatização. Podendo, com isso, identificar o fenômeno do surgimento da linguagem em que a fonética codifica uma variedade de mensagens cuja complexidade excede os limites do individual e alcança o terreno do coletivo de grupo étnico. Com o aparecimento da escrita, a codificação gráfica da fonética levando à dessomatização da linguagem, ou, mais exatamente, ao seu registro, perpetuando a longevidade das mensagens. A realização de operações aritméticas, por exemplo, praticadas há poucos anos quase que exclusivamente pelo homem, hoje está extensivamente automatizada. A intensificação da automação ao longo da Revolução Industrial vem representar a dessomatização do gesto (habilidade artesanal), enquanto que a informática moderna está promovendo a dessomatização da faculdade de processamento da informação do sistema nervoso, trazendo, por fim, a realidade do processo de transformação social induzido pela invasão dos computadores na sociedade.

Assim, os setores das economias industrializadas foram e estão sendo impactados pelos computadores, principalmente no que diz respeito a tarefas de decisão elementar.

O contador moderno

Nesta linha de raciocínio, gostaríamos de levar à reflexão a preocupação que nos assalta, em decorrência do desencadeamento da atual revolução tecnológica da informação, que recai sobre o novo perfil do trabalhador de um modo geral, de que, na temática prioritária do processo da globalização capitalista, estamos nos imergindo, que nos parece, como no limiar do fim da sociedade do trabalho, ou seja, a redução do fator trabalho na produção. Porque a necessidade de ser competitivo num mercado comum e global faz com que as empresas substituam o trabalho humano, seja intelectual ou muscular, por *chips* de computadores, pela engenharia de processos e a inteligência e delicadeza dos robôs.

Esta preocupação se robustece quando se revigora, num processo multiplicador e globalizante, a realidade praticada nas economias desenvolvidas sobre como flexibilizar e desregular o trabalho para reduzir os custos com mão-de-obra, ou como reduzir as horas da jornada de trabalho para que outros (em teoria) possam também trabalhar.

As empresas estão precisando de um trabalhador diferente, com um outro perfil: mais escolarizado (no mínimo com o segundo grau completo) e equipado com um novo 'kit de habilidades', cuja durabilidade não ficaria obsoleta para o mercado de trabalho. Seria como um novo *software* para o profissional e que envolveria habilidades tais como visão sistêmica, inteligência abstrata, capacidade para solucionar problemas, criatividade, capacidade de trabalhar em equipe etc. Com isso, o profissional passaria a ter 'condição de empregabilidade' que significa não ter um emprego, assistencialmente 'dando-lhe o peixe', mas condições para tê-lo, ou seja, ser um trabalhador capaz de ser absorvido pelo mercado, 'ensinando-lhe a pescar'. Este processo de capacitação teria, para nós, o nome de educação continuada, o aprender aprendendo.

Nesta sequência de impactos atuais da revolução tecnológica, no âmbito dos processos de produção, inclusive os do setor informacional, lembramos, aqui, que o homem tem diante de si um caminho com dois objetivos: um, enriquecendo a sua vida, fazendo com que esta riqueza o faça gratificado, satisfeito e realizado com o seu trabalho cotidiano. Outro, esquecer toda essa dignificação e ser visto, na aparência, como bem-sucedido, ter alcançado o êxito almejado, para logo constatar – quando consegue – algo tremendo e terrível: que o seu êxito é um fracasso, que o seu objetivo assim alcançado carece de conteúdos, que sua vida, numa frase, não serviu para nada.

Portanto, o Contador não deve estudar e depois trabalhar apenas para ser um técnico mas deve comportar-se em ambas as situações, antes de tudo, para crescer como pessoa, como, sobretudo, cidadão, para 'Ser' mais neste mundo aviltado pelo fascínio de 'Ter'.

Visto sob outra ótica, necessitamos de homens, que pareçam sair de si mesmos e da própria continuidade física, a conduzir-nos no rumo do supremo Bem e da suprema Beleza que é Deus, ao invés de deus-mercado, de deus-estado, do deus-dinheiro ou outro efemeramente eleito. Com a arma da fé, que forma a união e, por sua vez, forma a força, seremos certamente invencíveis para realizar, cristãmente, o ideal da justiça, da igualdade, da bondade, da pureza de coração, da solidariedade, do amor e da paz, até porque somos cidadãos e habitantes de duas grandes nações, como no pensamento da Patrística: a Terra e o Céu. Não sejamos, por conseguinte, a versão moderna das Estátuas de Dédalo da lenda grega: gerentes sem subordinados e senhores que não precisam de escravos. Ou, ainda, na atuação dicotômica entre Automatização e Cibernética. Porque, enquanto na primeira as próprias máquinas se corrigem, fornecendo informações e se ajustam entre si, na segunda, torna-se a máquina automatizada capaz de responder a qua-

se uma infinidade de contingências ao ser ligada a um computador, justificando aquela lenda. Assim, poderemos tirar proveito da modernização tecnológica, porém, sem nos satelitarmos culturalmente, nem nos alienarmos ao mecanicismo em curso.

Lembramos, igualmente, que o Contador pertence a um tipo próprio de elite: a elite dos Contadores. Esta significa que o seu membro é aquele capaz de, pela sua atuação, mudar ou consolidar o curso das coisas. (Que nos perdoem pelo vigor da figuração), o homem de elite será sempre um 'revoltado', não no sentido vulgar e sim no sentido etimológico, que quer dizer 'aquele que dá meia-volta' que tem disposição para mudar o curso das coisas inaceitáveis. Porque alguém só se revolta em nome de valores. O homem revoltado não é o mesmo que ser ressentido.

A 'revolta', diz Albert Camus, não se verifica sem o indivíduo sentir que ele próprio tem razão. A dinâmica da 'revolta' – a mudança do curso das coisas – está para lá da simples recusa, porque o 'revoltado', vivendo aberto para o mundo, sabe que a circunstância é constituída dele próprio, e que lutar por melhorá-la significa salvar parte de si mesma. Essa parte de si próprio, que ele deseja impor ao respeito alheio, põe-na, ele, então acima de tudo o mais, proclamando-a preferível a tudo, até à própria vida. Daí dizer-se que a consciência nasce com a revolta.

É, ainda, Albert Camus que nos esclarece sobre o homem que busca mudança de certo *status quo*: "Na sociedade, o espírito da revolta só se torna possível em grupos nos quais uma igualdade teórica oculta grandes desigualdades reais". Não se nasce e estuda, diríamos nós, para a função de lugar-tenente, acaçapando a massa ignara!

Por isso, pretendemos, sem máscaras ou artifícios, cidadãos íntegros, participantes, decididos a aprimorarem-se como pessoas e, principalmente, como profissionais da Ciência Aziendal, conscientes críticos, 'revoltados' contra todo

tipo de discriminação, alcançando o pensamento de Alceu de Amoroso Lima (Tristão de Alhaide) na "elitização das massas e massificação das elites".

Diante desses pontos que fazemos à reflexão de tantos quantos os lerem e assim aceitarem, julgamos ser necessário mostrar-lhes alguns certos valores comportamentais que podem nortear a vida profissional na produção de informações contábeis e gerenciais. Porque, na atualidade, a vida mercantil, e mesmo a social, exige certa capacidade na geração ou produção dessas informações. Para produzi-las, temos que recorrer a certos recursos lógicos e metodológicos que irão nos auxiliar na obtenção desses conhecimentos, desvendadores dos significados que podem estar numa manifestação do mundo circundante. Tais recursos lógicos e metodológicos se complementam com posturas 'Éticas', considerando que o ser humano é um ser social e político.

Essas posturas comportamentais se completam quando orientadas pelo espírito crítico, cujas atitudes são assim resumidas, já que tal espírito deve significar a busca de ver a realidade que, ao analisá-la, indica a escolha do processo reflexivo, com a possibilidade de encaminhamento que a própria realidade exige para o seu crescimento e transformação. Porque, como já nos referimos alhures, não há espírito crítico sem a transformação da realidade. O espírito crítico, a matéria-prima da revolta é, de outra forma, o fruto de uma conquista pessoal e histórica. É resultante de um longo processo, para cujo amadurecimento com crescimento, no mister da Contabilidade, são fundamentais as atitudes tais como:

1. Buscar o sentido da prova

Este ponto é quase uma tautologia, uma vez que, para praticar a Contabilidade, devemos conhecer a veracidade dos dados constantes do documento idôneo exibido. Não aceitar tal documento é ser capaz de apresentar a contraprova da veracidade intrínseca que o referido documento exhibe.

2. Opor-se ao dogmatismo

O homem é um ser 'datado e situado' historicamente. Pertence a um grupo, uma época, um povo. Possui, a partir de sua cultura e ambientação, determinada e específica maneira de encarar a vida. Cria, assim, seus valores, seus interesses, diferenciando-se, em relação a outros grupos ou povos, visto não existirem duas pessoas idênticas em seus valores. O dogmatismo pode imperar quando, por conveniência, comodismo e outros interesses, deixamos desenvolver-se a tendência de não questionar e ou modificar os modos e valores que são impostos. O dogmatismo significa, por conseguinte, de um lado, a incapacidade de ver e interpretar a realidade diversamente da indicada pelos esquemas, interesses, valores e conveniências pessoais; de outro, significa, também, a tentativa de impor este mesmo conjunto de valores e interesses aos outros.

3. Possuir firmeza nas afirmações, por meio da produção fidedigna de informações e dados

O Contador, no cumprimento da legalidade de sua função, possuidor do espírito crítico da 'revolta', não aceita imposição e dogmatismo, nem a sua atuação e o seu respeito sobrevivem sem a firmeza necessária diante do produto do seu trabalho. O ponto de vista defendido não pode e não deve ser modificado ao sabor dos ventos, sem razões sérias e convincentes, caso contrário, não teremos condições para solidificar o grande edifício do conhecimento contábil.

4. Orientar-se pelo senso da realidade

Por mais que queiramos nos orientar pelo conservadorismo (de alguma forma, um dos fundamentos dos princípios contábeis), ter o senso de realidade deve ser uma preocupação constante na nossa profissão. Esta orientação não pode ser entendida como sinônimo de passividade no ato de conhecer e nem se equipara, na prática contábil, ao simples ato de registrar o débito e o crédito, como

uma câmara fotográfica, os fatos e atos da prática azidental.

5. Orientar-se pela humildade

Imaginemos que o Contador, ao querer explicar e encontrar soluções para determinado problema, lance algumas hipóteses explicativas sobre o referido problema. Ocorre que o teste realizado não traz a possibilidade de solução. Ser humilde, no caso, quer dizer da coragem de reconhecer que as hipóteses não eram suficientemente convincentes. Humildade, pois, não tem nada a ver, como geralmente se apresenta, com renúncia àquilo que se conquistou ou que se é.

6. Agir com capacidade de comunhão

A preocupação básica do homem, enquanto Contador, produtor de informações azidenciais, deve ser a de se caracterizar como membro de uma comunidade inteligente, crítica, criativa, dedicada a resolver os problemas emergentes na sua área de atuação, tanto os encontráveis nas empresas privadas quanto os dos órgãos públicos.

O resultado do trabalho contábil efetivo nunca é ocasional. É sempre fruto de condições e elementos constituídos num processo intencional, no mais das vezes, longo, cansativo e desgastante. Por isso, o trabalho do Contador exige perseverança e tenácia, não cabendo o risco da desistência ou do abandono.

Sobre a perseverança do Contador, importa ter sempre presente que o caminho nem todo o tempo é suave e curto. Muitas vezes, a seu dia (parece absurdo!) tem mais de vinte e quatro horas, como naqueles do encerramento do exercício social e elaboração das demonstrações financeiras – muitas vezes, continuamos fazendo lançamentos de ajustes para o encerramento do exercício, com data de 31 de dezembro, lá pelas tantas e quase no fim do mês de janeiro seguinte.

Nesta linha de raciocínio, portanto, agir criticamente, com senso de realidade, buscando conhecer a vida como ela é

e despindo-se, para tanto, de preconceitos, tabus e imposições, quaisquer que sejam, não é e não pode ser peculiaridade exclusiva de outros ramos do conhecimento humano, mas também deve caber ao Contador de nível superior atuar concretamente. Porque, antes de tudo, a marca de todo ser humano consciente de seu papel na vida é propor-se a analisar reflexiva e criticamente o seu mundo, as suas circunstâncias, e aí detectar as soluções que os problemas e impasses encontráveis hoje exigem de todo aquele que não renunciou ao seu papel fundamental de ser sujeito da história.

Conclusão

Ao encerrar esta breve locução, rogamos ao profissional da ciência azidental para refletir sobre as idéias e práticas do nelasto *laissez-faire*, porque a concepção individualista da sociedade, ignorando o homem como ser social é, fundamentalmente, egoística, pois desliga o indivíduo de compromissos sociais e, por isso mesmo, o faz isolado na sua aparente liberdade, em um utópico direito de tê-la e sem o poder de efetivamente exercê-la, procurando obter o máximo de proveito para si, não respeitando quem quer que se interponha no seu caminho, como se o fim justificasse em plenitude o meio. Eis porque entendemos como inaceitável a afirmação de que o direito de cada qual termina onde começa o do outro, como se os direitos dos homens pudessem ser colocados isoladamente um ao lado do outro, quando, em verdade, estão entrelaçados e necessariamente inseridos num meio social.

Por fim, podemos colocar a modernidade tecnológica a serviço do homem azidental, jamais deixando escravizar-se, entretanto, por essa inebriante e massificadora ordem mundial!



Manoel Paulo de Oliveira – Advogado, Economista, Contador e ex-Professor da PUC/MG, da PUC/DF e da AEUDE/DF.